

SOBRE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Aquisição da linguagem e UG: um recorte histórico

Language acquisition and UG: a historical overview

Ana Maria T. Ibaños

PUCRS – Brasil



Resumo: O presente trabalho discute algumas ideias de aquisição da linguagem que percorrem o programa gerativista, desde os primórdios da década de 50, até os anos mais recentes com o Programa Minimalista. Leva em consideração, principalmente, as discussões em torno do conceito de Gramática Universal, uma constante entre as variadas adaptações da teoria.

Palavras-chave: Gramática Universal; Aquisição da linguagem; Aquisição de segunda língua; Princípios

Abstract: This work discusses some ideas of language acquisition borne in the beginning of the Generative enterprise and still quite alive today such as the concept of Universal Grammar (UG) a constant among the various phases of the Theory.

Keywords: Universal Grammar (UG); Language acquisition; Second language acquisition; Principles

*In simple theories of UG the basic operations
are as sparse as possible. Fewer is better.
Ockham is right*

(HORNSTEIN, 2009, p. 2)

Introdução

O foco deste trabalho é a Gramática Universal (UG) e algumas questões que norteiam teorias de aquisição da linguagem. O intuito é o de percorrer o caminho de estudos gerativos, desde a década de 50, recuperando tópicos que levaram diferentes autores a adotar o programa gerativo para explicar aquisição da linguagem quer no sentido de primeira língua, quer no sentido de aquisição da L2 (como FLYNN, MARTOHARDJONE e O'NEIL, 1988; WHITE, 2007), entre outros. Consideramos importante uma revisão histórico-teórica dos textos de Chomsky, aqui representados apenas por excertos, para mostrarmos que, desde o início de seu trabalho, a aquisição da linguagem é um tópico relevante na arquitetura conceitual de seu Programa de Pesquisa. Embora Chomsky jamais tenha se dedicado a trabalhos empíricos sobre aquisição, sua capacidade de abordar o tópico, seja em termos de Gramática Universal (UG), seja em termos de Princípios e Parâmetros, conduziu a um sem número de trabalhos na área, influentes para a academia linguística.

Os caminhos da UG

De acordo com Campos¹, se se assume a hipótese de que há uma paradigma gerativista de pesquisa linguística, pode-se tentar caracterizá-lo quanto à evolução histórico-teórica de seus fundamentos, tomando como referência um roteiro de passagens de textos chomskianos relevantes para tal fim.

A partir de sua dissertação de mestrado Morfofonêmica do Hebreu Moderno, de 1951 (publicada apenas em 1979), influenciado por críticas de Goodman (1951) à indução e pela concepção de teoria, enquanto sistema ajustável, e governável por fatores como a simplicidade, de Quine (1951), o quadro de compreensão de teoria linguística de Chomsky afasta-se do poder do estruturalismo taxonômico que herdara de Harris, isto é, da noção de teoria dos dados particulares e concretos, para uma concepção mais abstrata da linguagem.

¹ Texto não publicado Teoria da Gramática (Fundamentos), 15/03/94.

Contrário ao behaviorismo skinneriano vigente na época, Chomsky encontra uma forte motivação para sua emergente concepção cognitivista da linguagem. A sua proximidade com Lenneberg, cuja visão da linguagem como capacidade biológica era perfeitamente compatível com suas próprias constatações, também ajudaria Chomsky a encaminhar-se para uma linguística totalmente nova. Se, do ponto de vista metodológico, sua função era a de avaliação e de justificação das gramáticas, ao nível psicológico, era a explicação da capacidade de aquisição da linguagem.

Na realidade, como enfatizam Bialystok e Hakuta (1999) foi Chomsky quem transformou o estudo da linguagem em um problema cognitivo e desencadeou uma mudança na teorização da psicologia, que ficou conhecida como “revolução cognitiva”.

De fato, em seu livro *Language, Consciousness, Culture* (2009), Jackendoff, embora agora mais distante do programa gerativista, como foi elaborado nos idos da década de 60, e do grupo que, por muito tempo, trabalhou com sintaxe como a essência da gramática, apresenta e reconhece a importância do trabalho de Noam Chomsky em *Aspects* (1965) como o início de todas as questões relevantes em Linguística nas últimas seis décadas. Em suas palavras:

The remarkable first chapter of Noam Chomsky's *Aspects of the Theory of Syntax* (1965) set the agenda for everything that has happened in generative linguistics since. Three theoretical pillars support the enterprise: mentalism, combinatoriality, and acquisition. (2009, p. 26)²

Obviamente, os pilares encontram-se totalmente intrincados, mas para efeito deste texto, apenas aquisição terá os seus 10 minutos de discussão³, como veremos na próxima seção.

Como apresentar a UG

A linguagem construída como um objeto natural, por hipótese é caracterizada por uma Gramática Universal, em oposição às gramáticas particulares de cada língua. Para Chomsky, a Gramática Universal é uma hipótese de trabalho, uma construção, bem distante da noção indutivista que apregeia o estudo de várias línguas para se saber o que elas têm em comum. Com a Gramática Universal, assume-se uma hipótese inatista. Em termos metodológicos, o ônus de quem não aceita esta base universal e inatista para a aquisição é, exatamente, explicar, então, o fato de as crianças em diferentes partes do mundo começarem a falar na mesma época e a utilizar gramáticas semelhantes independentemente dos inúmeros contextos. Se a linguagem é uma propriedade humana, supostamente universal, deve ser uma propriedade do cérebro.

Considere os excertos abaixo:

(a) Children acquire... languages quite successfully even though no special care is taken to teach them and no special attention is given to their progress. (CHOMSKY, 1965, p. 200-1)⁴

(b) The problem for the linguist, as well for the child learning the language, is to determine from the data of performance the underlying system of rules that has been mastered by the speaker-hearer and that he puts to use in actual performance. (CHOMSKY, 1965, p. 4)⁵

(c) The central concept is *Universal Grammar* (UG): the system of principles, conditions and rules that are elements or properties of all human languages... the essence of human language. (CHOMSKY, 1976, p. 29)⁶

(d) Now a question that could be asked is whether whatever is innate about language is specific to the language faculty or whether it is just some combination of the other aspects of the mind. That is an empirical question and there is no reason to be dogmatic about it; you look and you see. What we seem to find is that it is specific. There are properties of the language faculty, which are not found elsewhere, not only in the human mind, but in other biological organisms as far as we know. (CHOMSKY, 2000, p. 23)⁷

(e) For any such a system features of human language], we can identify three factors that enter into its growth and development (I) external data; (II) genetic endowment (for language the topic UG); (III) principles of structural architecture and developmental constraints that are not specific to the organ under investigation [...] Factor II interprets data as linguistic experience, not a trivial matter. (CHOMSKY, 2005, p. 1)⁸

² O admirável primeiro capítulo de *Aspectos da Teoria da sintaxe de Chomsky* (1965) estabeleceu a agenda para tudo que aconteceu na gramática gerativa, desde então. Três pilares teóricos suportam o empreendimento: mentalismo, combinatoriedade e aquisição (JACKENDOFF, 2009, p. 26).

³ Adaptação livre de citação de Andy Warhol.

⁴ As crianças adquirem... línguas com bastante sucesso, embora nenhum cuidado especial é tomado para ensiná-las, nem tampouco se dá atenção aos seus progressos (CHOMSKY, 1965, p. 200-1).

⁵ O problema para o linguista, assim como para a criança apreendendo a linguagem, é determinar, a partir dos dados de desempenho, o sistema de regras subjacentes que foram adquiridos pelo falante-ouvinte e que ele coloca em uso (CHOMSKY, 1965, p. 4).

⁶ O conceito central é o de *Gramática Universal* (UG); “o sistema de princípios, condições e regras que são os elementos ou propriedades de todas as línguas humanas... a essência da linguagem humana”.

⁷ Então, uma pergunta que poderia ser feita é se o que quer que seja inato sobre a linguagem é apenas específico para a Faculdade da linguagem ou se é apenas alguma combinação de outros aspectos da mente. Trata-se de uma questão empírica e não há razão para ser dogmático sobre ela: você olha e vê. Pelo que já vimos, parece ser específico. Existem propriedades da faculdade da linguagem que não são encontradas em nenhum outro lugar, não somente na mente humana, como em qualquer outro organismo biológico, até agora. (CHOMSKY, 2000, p. 23)

⁸ Para tal sistema [características da linguagem humana], podemos identificar três fatores que contribuem para seu crescimento e desenvolvimento (i) dados externos; (II) propriedade genética (para a linguagem o tópico é a UG); (III) princípios da arquitetura estrutural e restrições de desenvolvimento que não são específicos ao órgão sob investigação [...] O fator II interpreta dados como experiência linguística, algo não trivial (CHOMSKY, 2001, p. 1).

Estas cinco citações percorrem décadas de preocupação com o aspecto constante no trabalho de Chomsky, a Gramática Universal, refletindo seu pensamento sobre a aquisição da linguagem. Como bem salienta Cook (2007), a ideia de Gramática Universal (UG) tem sido o mecanismo de propulsão para os linguistas. Se os mesmos aceitam ou não esta noção, ela ainda é uma constante nas discussões, tanto em relação à aquisição de primeira língua, quanto à aquisição de L2. O desenvolvimento dos estudos chomskianos deve ser visto sob dois ângulos; no primeiro, os conceitos gerais sobre aquisição e desenvolvimento da linguagem e, no segundo, diferentes ideias concernentes à descrição da sintaxe, propriamente dita, que podem ser analisadas individualmente referente a diferentes momentos de revisão do trabalho da sintaxe gerativa (Modelo Clássico, 1957; Modelo Padrão, 1965; Modelo Padrão Ampliado, 1972/73; Modelo Padrão Ampliado e Revisado, 1975/76; Modelo de Regência e Ligação, 1981; Princípios e Parâmetros, 1991 e Programa Minimalista, 1993). No entanto, ainda conforme Cook,

The origins of such ideas as competence and performance or the innateness of language can be traced back to late fifties or mid-sixties. These have grown continuously over the years rather than being superseded or abandoned. On this level, the UG Theory is recognizable in any of its incarnations and the broad outlines have remained substantially the same despite numerous additions. (2007, p. 2)⁹

Na verdade, embora possamos encontrar a noção da UG em incontáveis textos, sua avaliação é discutida de forma mais esclarecedora em *Knowledge of Language* e *Language and Problems of Knowledge*, quando Chomsky apresenta os problemas do conhecimento da linguagem com as perguntas clássicas, a saber, 1) Em que consiste o conhecimento; 2) Como o sistema de conhecimento surge na mente/cérebro?; 3) Como este conhecimento é posto em uso? E 4) quais são os mecanismos físicos que servem como matéria básica para este sistema de conhecimento e para o uso deste conhecimento? (1994, p. 3).

A primeira questão reflete o tópico de estudos da gramática filosófica dos séculos 17 e 18; a segunda, mais conhecida como o Problema de Platão, e parafraseado por Bertrand Russell, é que gera para Chomsky as ideias expostas em (c), (d) e (e). Em outras palavras, com o Problema de Platão, chegamos à variante moderna que sustenta que certos aspectos de nosso conhecimento e entendimento são inatos, parte de nossa herança biológica, geneticamente determinados (algo que pode ser explicado pela concepção da UG). A terceira questão é chamada de O Problema de Descartes. Por fim, a quarta questão foge dos parâmetros de estudos linguístico-psicológicos dos gerativistas.

Para Chomsky, todos os seres humanos compartilham parte de seu conhecimento da linguagem; independentemente da língua que falem, UG é sua herança comum.¹⁰

Embora jamais tenha se preocupado com a explicação empírica da aquisição da primeira ou da segunda língua, Chomsky reitera que a solução para o Problema de Platão deve estar na atribuição de princípios fixos da faculdade da linguagem que refletirão como a mente trabalha em termos dessa faculdade.

A striking fact about language acquisition in the young child is the degree of precision with which the child imitates the speech of its models. [...] The precision of phonetic detail goes far beyond what adults can perceive without special training. [...] Similar problems arise in the area of vocabulary acquisition, and the solution to them must lie along with the same lines: in the biological endowment that constitutes the human language faculty. (CHOMSKY, 1994, p. 27)¹¹

Para exemplificar sua questão em termos de vocabulário, Chomsky apresenta os seguintes exemplos contendo a palavra *libro* (livro)

- (1) El libro pesa dos kilos – O livro pesa dois quilos
- (2) Juan escribió un libro – Juan escreveu um livro

De acordo com Chomsky, na sentença (1), a palavra é interpretada concretamente, a saber, pensa-se em um objeto físico específico; no exemplo (2), contudo, *libro* refere a uma entidade abstrata que pode ter uma grande variedade de instanciações físicas. Não querendo entrar em discussões lógico-filosóficas do que significa referir, e ficando apenas na questão da compreensão da linguagem, podemos concordar com Chomsky quando ele argumenta que cada falante do espanhol (e de qualquer outra língua, se fosse o caso) sabe que uma palavra pode receber uma interpretação mais abstrata ou mais concreta em termos de referência. Tais fenômenos são óbvios para falantes

⁹ As origens de tais ideias como competência e desempenho, ou a linguagem como inata, podem ser rastreadas no fim da década de 50 ou início dos anos 60. Esses tópicos desenvolveram-se continuamente com o passar dos tempos, em vez de serem superados ou abandonados. Neste nível, a Teoria da UG é reconhecida em quaisquer de suas formas e sua descrição mais ampla permaneceu substancialmente a mesma, apesar de numerosas adições (COOK, 2007, p. 2).

¹⁰ UG é uma teoria do conhecimento, não de comportamento; preocupa-se com a estrutura interna da mente humana. A natureza deste conhecimento é inseparável do problema de como ele é adquirido.

¹¹ Um fato surpreendente sobre a aquisição da linguagem em crianças pequenas é o grau de precisão com o qual a criança imita a fala de seus modelos [...] a precisão do detalhe fonético ultrapassa o que os adultos podem perceber sem treinamento especial. [...] problemas semelhantes ocorrem na área da aquisição do vocabulário, e a solução deve ser da mesma natureza para ambos: a herança biológica que constitui faculdade da linguagem humana (CHOMSKY, 1994, p. 27).

de qualquer língua “the facts are known without relevant experience, and they need not be taught to a person learning Spanish or English as a second language” (idem, p. 30).¹²

Da mesma forma, Chomsky argumenta (1991) que um componente da UG é a fonética universal, que fornece uma classe de possíveis expressões que estão disponíveis para as línguas humanas, ou, mais precisamente, fornece uma classe de representações fonéticas, relacionadas a enunciados que são produzidos através do sistema sensorio-motor. As línguas –I do Inglês, Japonês, Swahili, Português, etc, representarão tais descrições estruturais da maneira que lhes forem necessárias.

A melhor explicação pare este tipo de conclusão de que a UG está presente em nossa herança genética vem de Hornstein (2009), quando ele sustenta que os linguistas contemporâneos de base gerativa estão unidos por (pelo menos) uma convicção, a saber, o conhecimento gramatical é baseado em regras e essas regras são operações básicas da UG. Segundo Hornstein, “native speakers of a given language L have mastered rules for L [...]. Rules are required because the tokens of L are for all practical purpose infinite and thus cannot possibly be stored individually in a finite organism” (2009, p. 1).¹³

Embora não tenhamos passado por todos os movimentos da teoria, desde 1957 até o presente momento, o que expusemos até agora perpassa fases das várias configurações da teoria gerativista, e, ainda segundo Hornstein (2009), parece que a GB resolve o Problema de Platão no domínio da linguagem ao postular um rico, altamente articulado conjunto de princípios inatos linguisticamente específicos. Passemos, então a questões sobre o valor da UG.

UG como processo cognitivo

Seguindo o modelo que adotamos no início deste trabalho, vejamos, agora, os seguintes excertos:

(f) Language is a kind of mind/brain property hard to associate with the term ‘knowledge’, which commonly implies accessibility to introspections [...] we might compromise with tradition by using the term f-knowledge(functional knowledge) to describe whatever is in speaker’s heads that enables them to speak and understand their native languages. (JACKENDOFF, 2009, p. 27)¹⁴

(g) [...] the central phenomenon which any theory of language acquisition must seek to explain is this: how is it that after a long drawn-out period during which there is no obvious sign of grammatical development, at around age 1;6 there is a sudden spurt as multiword speech starts to emerge, and a phenomenal growth in grammatical development then takes place over the next year? (RADFORD, 2006, p. 2)¹⁵

(h) UG does not make any direct claims about the L2 acquisition process. However, a central belief of the L2 acquisition research is that if UG is to characterize the language-learning process in general, then it must make reference to the L2 process as well. (FLYNN, 1998, introduction, p. xii)¹⁶

Qualquer teoria que trate de aquisição da linguagem, incluindo aqui L1, L2 ou Língua Adicional (LA), necessita explicar o que acontece com a mente humana neste processo de domínio de um sistema linguístico. Jackendoff, Radford e Flynn, embora com diferenças teóricas, reconhecem que não é possível simplesmente atribuírem aquisição a apenas fatores externos. Perguntar se a UG é uma especialização cognitiva apenas para a linguagem ou também para outros desenvolvimentos da cognição humana é, segundo Jackendoff (2009), apresentar uma decisão binária supersimplificada. É possível que a UG esteja envolvida em termos de uma ampla faculdade da linguagem (FITCH, HAUSER e Chomsky, 2002) para todas as capacidades mentais que envolvem processos de aprender e processar a linguagem, e uma restrita capacidade da linguagem”, para aqueles processos específicos à linguagem. Também é possível supor que parte da aquisição da linguagem seja consequência de fatores gerais da cognição (PINKER e JACKENDOFF, 2005). No entanto, fica difícil estabelecer o que é geral e o que é específico para a aquisição da linguagem. Sabemos, também, que não há homogeneidade na aquisição de uma L1 e aprendizado/aquisição de L2. A discussão sobre o acesso total, parcial ou nulo da GU para a L2 tem um longo caminho a percorrer. Cook ressalta que UG tem seu lugar importante na pesquisa de segunda língua (L2,LA), mas, talvez, não se deva exagerar e tentar uma igualdade entre L1 e L2, pois a competência monolíngue não deveria ser modelo para a pesquisa de L2.

¹² Os fatos são conhecidos sem qualquer experiência relevante, e eles não necessitam ser ensinados a uma pessoa apreendendo Espanhol ou Inglês como segunda língua (idem, p. 30).

¹³ Falantes nativo de uma língua L dominam as regras de L [...] São necessárias regras porque os tokens de L são, em tese, infinitos. Consequentemente, eles não podem ser armazenados em um organismo finito (2009, p. 1).

¹⁴ Linguagem é um tipo de propriedade da mente/cérebro difícil de ser associada com o termo ‘conhecimento’, que normalmente implica acesso a introspecções [...] podemos nos comprometer com a tradição usando o termo – conhecimento-f (conhecimento funcional) para descrever o que quer que exista na mente do falante que o permita falar e entender suas língua nativa (JACKENDOFF, 2009, p. 27).

¹⁵ [...] o fenômeno central com o que qualquer teoria de aquisição deve explicar é como após um longo tempo em que não há aparente desenvolvimento gramatical, por volta de 1,6 meses há uma explosão de de fala e um fenomenal crescimento do desenvolvimento gramatical que continuará pelos próximos anos (RADFORD, 2006, p. 2).

¹⁶ UG não está comprometida diretamente com o processo de aquisição de segunda língua. Contudo, a crença geral é que se a UG caracteriza o processo de aprendizagem-aquisição em geral, então, também tem que se referir ao processo de L2 (FLYNN, 1998, introdução, p. xii)

Ainda segundo Jackendoff (2009), enquanto não houver teorias sobre outras capacidades cognitivas que possam ser comparadas à proposta pela UG, será difícil determinar os limites de uma ou outra.

Por fim, importante ressaltar que as questões sobre a importância da UG não se limitam apenas à aquisição da L1 e/ou aquisição da segunda língua; UG é parte da especialização cognitiva humana e, como tal, abre portas para um sem número de discussões de genética, de cognição, de ensino, entre outras.

Conclusão

Finalizando os “10 minutos” de discussão, retomamos as ideias de Jackendoff no início do texto, os pilares teóricos que sustentam o programa gerativista-mentalismo, combinatoriedade e aquisição passaram o teste do tempo. De 1957 até agora, eles se tornaram até mais importantes no decorrer dos tempos para as ciências cognitivas. Os três pontos ligam a linguística à psicologia, ciência da mente e genética.

Referências

- BIALYSTOK, Ellen; KENJI, Hakuta. Confounded age: linguistic and cognitive factors in age differences for second language acquisition. In: BIRDSONG, Daniel (Ed.). *Second language acquisition and the critical period hypothesis*. London: Laurence Erlbaum associates, 1999.
- CAMPOS, Jorge. *Teoria da gramática: fundamentos*. Porto Alegre, PUCRS, 1994. (não publicado)
- CHOMSKY, Noam. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1965.
- CHOMSKY, Noam. *Reflections on language*. London: Temple Smith, 1976.
- CHOMSKY, Noam. *Knowledge of language: its nature, origin and use*. New York: Praeger Publishers, 1986.
- CHOMSKY, Noam. Linguistic and adjacent fields: a personal view. In: KASHER (ed.) *The chomskyan turn*. Oxford: Blackwell, 1991.
- CHOMSKY, Noam. *Language and problems of knowledge: the Managua lectures*. 6th ed. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1994.
- CHOMSKY, Noam. *On phases*. Cambridge, Mass.: MIT, 2005. (unpublished ms).
- CHOMSKY, Noam. *The architecture of language*. New Delhi: Oxford University Press, 2000.
- COOK, Vivian; NEWSON, Mark. *Chomsky's universal grammar: an introduction*. 3rd ed. Oxford: Blackwell, 2007.
- COOK, Vivian. *Linguistics and second language acquisition*. New York: St. Martin's Press, 1993.
- FLYNN, Martohardjone; O'NEIL (Eds). *The generative study of second language acquisition*. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1988.
- GOODMAN, Paul. *Speaking and language*: 1951.
- HORNSTEIN, Norbert. *A theory of syntax: minimal operations and universal grammar*. New York: Cambridge University Press, 2009.
- HAUSER; CHOMSKY; FITCH. The faculty of language: What is it, who has it and how did it evolve? *Science*, n. 298, p. 1569-1579, 2002.
- JACKENDOFF, Ray. *Language, consciousness, culture: essays on mental structure*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2009.
- PINKER, Steven e JACKENDOFF. The faculty of language. What's special about it? *Cognition*, n. 95, p. 201-236, 2005.
- KASHER, Asa (Ed.). *The chomskyan turn*. Oxford: Blackwell, 1991.
- QUINE, W.V.O. Two dogmas of empiricism. In: *The Philosophical Review*, n. 60, p. 20-43, 1951.
- RADFORD, Andrew. *Children's English: Principles-and-Parameters Perspective*. University of Essex, April 2006. (unpublished).

Recebido: 14/05/11
Aprovado: 21/05/11
Contato: atibanos@puccrs.br